

MAGDA SZABÓ

PRÉMIO FÉMINA

Um dos 10 Melhores livros do ano
New York Times Book Review

A PORTA

romance



cavalo de ferro

A porta

Raramente sonho. Se acontece, acordo sobressaltada, banhada em suor. Então, estico-me, espero que o coração serene e devaneio sobre o poder mágico, irresistível, da noite. Na infância ou na juventude, não tinha nem bons, nem maus sonhos, só a velhice arrasta os aluviões do passado em massa cada vez mais compacta, num terror petrificado e tanto mais alarmante quanto mais tenso e trágico, como jamais vivi, pois, na realidade, acordar assim a gritar, isso comigo nunca aconteceu.

Os meus sonhos são visões que retornam, absolutamente idênticas: eu tenho sempre o mesmo sonho. Estou à entrada do nosso prédio, ao fundo das escadas, atrás do portão, em vidro armado inexpugnável, reforçado por uma armação de ferro, e tento abrir a fechadura. Lá fora, na rua, há uma ambulância, e, através dos vidros, são fluidas as silhuetas dos enfermeiros, de um tamanho sobrenatural, seus rostos inchados rodeiam-se de um halo, como a Lua. A chave roda. Mas debato-me em vão, não consigo abrir a porta, e, contudo, tenho de fazer entrar as ambulâncias, ou vão chegar tarde ao doente. Claro, a fechadura nem dá de si, e assim fica a porta, como se estivesse soldada à armação de ferro. Grito por socorro, mas nenhum morador dos três pisos me presta atenção, nem sequer poderia, pois — dou-me conta — limito-me a mexer os lábios, sem um som, como um peixe, e o pânico atinge o auge quando percebo que não somente não posso abrir a porta aos socorristas, como ainda fiquei muda. É nesse instante que o meu grito de terror me acorda, acendo a luz, procuro combater a asfixia que se apodera de mim após este sonho, rodeada pela

mobília de quarto que tão bem conhecia, e, por cima da nossa cama, a iconografia familiar, os meus antepassados parricidas, com dólmanes bordados, à maneira do barroco húngaro ou Biedermeier, os meus avós, que tudo vêem, e tudo compreendem, únicos que sabem quantas vezes corri de noite a abrir a porta aos primeiros-socorros, às ambulâncias, quantas vezes imaginei o que aconteceria, enquanto, através da porta fechada, se ouvia o frufilhar da ramagem ou os passos silenciosos dos gatos, em vez do ruído conhecido das ruas silenciosas durante o dia, se alguma vez lutasse em vão com uma chave, e não desse a volta.

Os retratos sabem tudo, sobretudo o que prefiro esquecer, o que já não é sonho. Pois só uma vez, na minha vida, uma única vez, na realidade, e não no estado de fraqueza cerebral devida ao sono, uma porta se abriu diante de mim, que não deveria ter aberto quem se resguardava na sua solidão e na sua miséria impotente, mesmo se o tecto ardente crepitava já sobre a sua cabeça. Só eu tinha poder para fazer funcionar essa fechadura: quem rodava a chave confiava mais em mim do que em Deus, e eu, nesse instante fatal, julgava ser Deus, sábia, ponderada, boa e racional. Estávamos ambas erradas, ela, porque acreditava em mim, e eu, porque tinha fé excessiva em mim. Agora, também já não importava, porque não se podia reparar o que acontecera. Pois que venham, de tempos a tempos, essas Eríneas de alto coturno em sapatos confortáveis, máscara trágica sob a touca de enfermeiras, e rodeiem a minha cama, brandindo as espadas de duplo fio que são os meus sonhos. Eu espero-as, todas as noites, ao apagar a luz, e preparo-me para, no meu sono, ouvir retinir a campainha que faz avançar horror inominável para a porta que não abrirá jamais.

A minha religião não conhece a confissão individual, são as palavras do nosso pastor que nos asseveram sermos pecadores, votados à condenação, porque pecámos, de todos os modos, contra os mandamentos. Recebemos, assim, a absolvição, sem que Deus exija de nós explicações ou pormenores.

Dou-os eu, agora.

Não redigi este livro para Deus, que conhece as minhas entranhas, nem para as sombras, testemunhas que são de tudo,

e me vigiam a cada instante, nas horas acordadas e dormindo, mas para os homens. Vivi, até hoje, corajosamente, e assim espero morrer, corajosamente e sem mentir, mas, por isso mesmo, na condição de dizer: eu matei Emerence. E pouco muda que eu não quisesse destruí-la, mas salvá-la.

O contrato

Quando conversámos pela primeira vez, gostaria de ter visto o seu rosto, e fiquei incomodada que não o tivesse permitido. Estava ali à minha frente, como uma estátua, imóvel, sem ser defensiva, antes um tudo-nada distendida, eu mal entrevia a sua fronte, e não sabia, então, que só no leito da morte iria vê-la sem lenço na cabeça, trazia sempre um véu, como uma católica muito fervorosa ou uma judia ao sábado, cuja fé proíbe que se apresentem de cabeça descoberta diante do Senhor. Era um desses dias de Verão em que não há razão nenhuma para nos protegermos, estávamos no jardim sob um crepúsculo tingido de roxo, e ela não se sentia à vontade entre as rosas. Presentimos que flor seria cada um de nós, se tivéssemos nascido flor: ela, seguramente, não seria a rosa, rosa que, na sua explosão quase impudica de carmim, nada tem de inocente. Que não seria a flor de Emerence, isso pressenti logo, mas nada sabia ainda acerca dela, e muito menos, pois, qual ela teria sido.

O lenço, que assim lhe cobria a cabeça, lançava sombras sobre os olhos, cujas íris eram azuis. Teria gostado de saber como era o cabelo, mas ela escondeu-o sempre, enquanto foi igual a si mesma. Vivemos momentos importantes nesse fim de tarde, pois tínhamos de decidir se nos podíamos aceitar mutuamente. Nós morávamos, há duas semanas, num apartamento novo, bem maior do que o antigo, de uma divisão, onde eu não precisava de ajuda para fazer a limpeza, mas a minha carreira, parada há dez anos, tomara outra direcção, e aqui, nesta nova morada, tornara-me escritora a tempo inteiro, com possibilidades acrescidas e inúmeras solicitações, que ora me prendiam

à secretária, ora me chamavam do exterior. Eis porque estava, agora, no jardim diante desta silenciosa e velha senhora, sendo certo que, se ninguém me substituísse nos trabalhos domésticos, eu não estaria em condições de publicar o que era produto de anos de silêncio, nem de instilar vida ao que ainda queria dizer. Quando fizemos a mudança das estantes dos livros e dos móveis estragados, que requeriam algum cuidado, comecei logo à procura de alguém que me ajudasse em casa. Perguntei a todos os conhecidos do bairro e, por último, uma antiga colega de turma tirou-me de cuidados, dizendo que a irmã empregava há muitos, muitos anos uma velha senhora, com mais capacidade do que qualquer jovem, que recomendaria com prazer, se ela ainda tivesse tempo para nós. Garantia-nos que não pegava fogo à casa com cigarros, nem metia lá homens, nem roubava, e que, pelo contrário, era capaz de levar coisas, porque gostava imenso de dar presentes. Nunca casara, nem tinha filhos, só um sobrinho vinha vê-la regularmente, e um graduado da polícia, pelo que todos a consideravam no bairro. Falou dela com calor e respeito, acrescentou que Emerence era igualmente porteira, uma personagem quase oficial, pois, e esperava que ela nos aceitasse, pois, se não lhe caíssemos no goto, não era por dinheiro que se encarregava do trabalho.

O negócio, à partida, não foi muito animador, nem a própria Emerence se mostrou amável, quando fui convidá-la para uma pequena conversa em nossa casa. Encontrei-a no pátio do prédio onde era porteira — vivia muito perto de nós, e tanto, que, da nossa varanda, podia ver o seu apartamento. Fazia uma barrela extraordinária, mesmo à maneira antiga, rodeada de vapor, fervendo a roupa de cama numa caldeira enorme sobre fogareiro, e levantando os lençóis com uma colher enorme de madeira, numa canícula atroz. O fogo rompia à sua volta, era alta, ossuda, poderosa, mau grado a idade, qual Valquíria, e o lenço na cabeça tinha a forma de um capacete de guerreiro. Aceitou ir ter connosco, razão pela qual nos encontramos nesse fim de tarde no jardim. Em silêncio, prestava atenção ao que lhe dizia, o que seria preciso fazer em casa, e, enquanto assim falava, veio-me à ideia que eu nunca teria acreditado num escritor

que, num grande romance do século passado, tivesse apresentado o rosto de alguém como um lago. Envergonhei-me, como sempre que me atrevo a pôr em causa os clássicos: simplesmente, o rosto de Emerence não podia ser senão comparado a um espelho liso de água matinal. Eu não sabia até que ponto lhe interessava a minha proposta, ela não precisava de trabalho, nem de dinheiro, o que bem se percebia nela, mas, para mim, era terrivelmente importante que aceitasse, e ali estava esse rosto, que por largo tempo nada traiu, como espelho de lago na sombra de lenço evocando um acessório ritual. Emerence nem sequer levantou a cabeça, quando, finalmente, respondeu: havia uma possibilidade, que devíamos voltar a falar, porque uma das casas em que trabalhava tornara-se-lhe insuportável, marido e mulher eram uns bêbedos, o filho mais velho era um depravado, já não os aguentava. Se alguém nos recomendasse e lhe garantisse que, em nossa casa, não havia bêbedos, nem cabeça esquentada, podia ser que sim. Abismada, eu ouvia, era a primeira vez que alguém exigia referências nossas.

— Não lavo a roupa suja de qualquer um — disse Emerence.

Possuía uma voz clara, de autêntico soprano. Devia viver há muito na capital, pois, se eu não tivesse estudado linguística, nada me faria pensar, pela maneira como pronunciava as vogais, que provínhamos da mesma região. Perguntei-lhe se, afinal, também era de Hajdu, julgando que a minha pergunta lhe daria prazer, mas limitou-se a acenar que sim, vinha de perto da capital, de Nádori, mais exactamente, de Csabadul, uma aldeia pegada a Nádori, mas logo mudou de assunto, querendo significar que não desejava demorar-se com tais perguntas. Tal como em relação a tantas coisas, só muitos anos mais tarde percebi que ela considerava a pergunta indiscreta e inoportuna, que não fazia parte dos seus hábitos lembrar-se. Emerence não estudara Heraclito e, no entanto, sabia mais do que eu, digo isto porque, sempre que podia, eu voltava à minha cidade natal em busca do que desaparecera para sempre, a sombra das casas que se estendera, outrora, sobre o meu rosto, o lar antigo que abandonara, e, naturalmente, não encontrava nada, onde é que já vai esse rio em cujas águas revoluteiam os estilhaços da

minha vida... Emerence era demasiado sábia para tentar o impossível, reservava as energias para o que, no futuro, pudesse ainda fazer pelo seu passado, mas, claro está, tudo isso eu havia de perceber muito tarde.

Nesse dia, ao ouvir pela primeira vez estes dois nomes, Nádori e Csabadul, só pressenti que não eram mesmo para pronunciar, que por uma qualquer razão esses dois nomes eram tabu. Pois se assim é, falemos, então, de coisas concretas. Julguei que acertaríamos o preço à hora, que mais lhe deveria interessar, mas ela não queria decidir logo ali, acrescentou, e que lhe pagaríamos quando formasse uma opinião sobre nós, e soubesse a que ponto éramos negligentes, desordenados, e que trabalho havia para fazer. Esforçar-se-ia por recolher informações sobre nós — não da minha colega de turma, porque seria parcial —, e daria uma resposta, mesmo em caso negativo. Fiquei a olhar para ela, quando partiu e, por momentos, tive a tentação de a chamar, pois me ocorreu que esta velha senhora era tão estranha que seria melhor para todos se não aceitasse o trabalho, ainda não era tarde, eu gritar-lhe-ia que o assunto não era premente. Não gritei. Emerence voltou uma breve semana depois, no entretanto, claro, cruzámo-nos várias vezes na rua, mas ela só saudava e passava por nós como quem não deseja precipitar uma decisão, mostrar-se insensata e fechar porta que ainda não se abriu. Quando tocou à campainha, notei que vestia a sua roupa melhor, e logo entendi o que significava essa apresentação, remexendo-se toda, perturbada no difuso vestido em banhos de sol. Trazia um vestido preto, com mangas compridas, de tecido fino, sapatos envernizados, e, como se retomasse a conversa onde a deixáramos, informou que começava a trabalhar no dia seguinte e que, até ao fim do mês, estaria em condições de dizer que salário ia pedir. Enquanto isso, fixava, severa, os meus ombros desnudos, no mínimo, eu já me dava por satisfeita por não encontrar nada que dizer do meu marido, que veste fato e põe gravata com trinta graus, nem sequer a canícula lhe alterava hábitos adquiridos em Inglaterra antes da guerra. Comparados comigo, ambos se vestiam como se quisessem servir de exemplo a uma tribo primitiva a que eu pertencesse

e que somente eles poderiam perceber, inculcando-lhe respeito pelos sinais exteriores da dignidade humana. Se havia alguém neste mundo a quem o meu marido se parecesse tanto no tocante a certas normas era Emerence, razão pela qual não puderam, durante muito tempo, sentir-se verdadeiramente próximos um do outro.

A velha senhora apertou a mão aos dois, de resto, quando queria tocar-lhe, não conseguia, ou, se fazia um gesto para ela, afastava ela a minha mão, como se batesse numa mosca, e nessa noite, pois, não *entrava ao serviço*, o que não era digno, nem recomendável: Emerence *alistava-se*. Despediu-se assim do meu marido, de longe:

— Desejo boa noite ao patrão.

Ele só olhava, pois não havia pessoa no orbe terráqueo a quem o soberbo vocábulo conviesse menos. Aliás, até ao fim da vida, foi assim que lhe chamou, e o meu marido demorou o seu tempo a acostumar-se ao novo nome, e a responder.

Nenhum acordo determinou o tempo que Emerence passaria em nossa casa, nem as horas a que tinha de chegar. Podia acontecer não a vermos durante o dia, e, quando não vinha, aparecia-nos às onze da noite, mas arrumava a cozinha e a despensa até de manhã, e podia acontecer que a casa de banho estivesse um dia e meio sem utilização, porque ela deitara os tapetes para a banheira. Compensava os horários caprichosos com uma actividade incrível, pois esta velha senhora trabalhava como um robô, levantava sem especiais cuidados móveis aparentemente inamovíveis, tinham algo de sobre-humano, quase terrífico, a sua força de trabalho e a sua energia; quando, afinal, nem era necessário fazer tanto, Emerence desabrochava, a olhos vistos, no trabalho, gostava de trabalhar, não sabia como ocupar os tempos livres. Tudo o que ela fazia não tinha uma única falha, ia e vinha pelos cantos, silenciosa, longe de exprimir familiaridade, ou mostrar-se curiosa, mas evitando qualquer resposta inútil. Exigia-nos muito, mais do que eu imaginara, mas também ela dava muito. Se eu anunciava convidados, ou, inesperadamente,

chegava alguém, perguntava se desejava que ela viesse ajudar-me, mas eu recusava, na maioria dos casos, os seus serviços. Não gostaria nada que os meus amigos soubessem que eu não tinha nome, que ela só encontrou para o meu marido, e que eu não era escritora, nem mulher, o que durou enquanto não me deu um lugar na sua vida, enquanto não descobriu o que eu era para ela, e como deveria chamar-me. Claro, também nisso ela tinha razão, sendo verdade que, sem paixão, é inexacta a definição de seja o que for.

Emerence, infelizmente, era perfeita sob todos os pontos de vista, e, às vezes, eu desanimava, quando, diante dos meus tímidos elogios, ela respondia bruscamente que não exigia um reconhecimento de cada instante, não tínhamos nada que a louvaminhar, ela tinha consciência do seu rendimento. Vestia sempre de cinzento, ou de preto, nos dias de festa e em ocasiões especiais protegia o vestido com um avental que mudava todos os dias, desprezava os lenços de papel, preferindo lenços de pano imaculados estalando de amido. Para mim, foi um verdadeiro prazer descobrir que também ela tinha as suas fraquezas, quando, por exemplo, sem razão nenhuma, ficava em silêncio o dia inteiro, por mais que lhe perguntasse, e, ouvindo trovejar, me rendesse à evidência: ela tinha medo das tempestades. Quando a borrasca começava, deixava cair o que tivesse nas mãos e, sem uma explicação, precipitava-se para casa, onde se refugiava. É uma velha senhora, não deixa de ter as suas manias — confiava ao meu marido, que abanava a cabeça. Este terror é mais, e também menos, do que mania, dizia ele. Existe, certamente, uma razão, só que nada tem a ver connosco — mas, vejamos, alguma vez ela revelou o que, na realidade, lhe diz respeito? Se bem me lembro, nunca; Emerence não é faladora.

Trabalhava para nós há mais de um ano, quando quis pedir-lhe que recebesse uma encomenda que me era dirigida, numa tarde em que o meu marido estava nos exames e era o único dia em que eu podia ter consulta no dentista. Afixei um aviso na porta, para que o carteiro soubesse a quem dirigir-se na

nossa ausência, e corri a casa de Emerence, a quem me esquecera de dar o recado enquanto fazia a limpeza, tinha acabado nesse preciso instante, devia ter chegado a casa uns minutos antes. Quando bati à porta, nada buliu, mas ouvi remexer brasas lá dentro, e o facto de a maçaneta se manter imóvel nada tinha de invulgar, ninguém vira jamais Emerence abrir a porta, ainda que lho suplicassem; uma vez chegada a casa, aferrolhava-se, ao que já todos se tinham habituado no bairro. Gritei-lhe que se despachasse, porque precisava de ir embora e queria pedir-lhe um favor; invariavelmente, o silêncio respondia à minha voz, mas, quando puxei a maçaneta, abriu-se tão bruscamente que tive medo de ir contra ela. Puxando atrás de si a porta, berrou que não a incomodasse depois do trabalho, que isso não estava incluído no salário. Ali fiquei, envergonhada, e corando dos pés à cabeça, por uma gritaria bizarra, que nada justificava: pois, se, por uma qualquer razão obscura, ela se sentia ofendida por ter vindo ao seu encontro nos seus domínios, podia tê-lo dito mais calmamente. Gaguejei o que queria, nem me respondeu, mas ali estava, diante de mim, e olhando-me como se lhe tivesse espetado uma faca no braço. Bom. Despedi-me, delicadamente, regresssei a casa, telefonei ao dentista a desmarcar, o meu marido já tinha saído, e fiquei à espera da encomenda. Nem tinha vontade de ler; andei às voltas no apartamento, imaginando que mal lhe fizera, porquê essa recusa violenta, de propósito insultuosa, que nem sequer correspondia ao carácter da velha senhora, cujo comportamento era, por vezes, de um formalismo incómodo.

Permaneci muito tempo sozinha. Para me estragar completamente o dia, a encomenda não chegou, esperara em vão, o meu marido também não regressou à hora habitual, ficou com os alunos após o exame, e folheava eu um álbum com reproduções, quando ouvi rodar a chave. Não ouvi a saudação que trocávamos entre nós, pelo que percebi não ser o meu marido: era Emerence, que não estava mesmo nada interessada em rever numa noite assim penosa. Bem se vê que acalmou — pensei —,

e quer desculpar-se. Ora, Emerence não vinha ver-me, nem falar-me, ouvi-a na cozinha, ocupando-se em qualquer coisa, logo a fechadura estalou, partira. Quando chegou o meu marido, e fui buscar o jantar do costume, dois copos de *kefir*, encontrei no frigorífico um prato de carne fria, coxas de frango temperadas e cortadas em fatias muito finas, reconstituídas com uma arte de cirurgião. No dia seguinte, agradei a Emerence pelo festim de reconciliação e devolvi-lhe o prato limpo, sem que dissesse não tem de quê, ou o prazer foi meu, mas negou ter cortado o frango, e não quis o prato de volta, que ainda tenho comigo. Por um telefonema que fiz mais tarde, perguntando pela encomenda que não recebera, soube que perdera toda a tarde em casa para nada, a encomenda estava na despensa, na prateleira de baixo, viera com o frango, porque ela estivera de vigia diante da porta, transmitira textualmente ao carteiro a minha mensagem, trouxera-a sem me dizer nada, voltando, depois, para casa. Foi um episódio importante das nossas vidas, porque, desde aí, fiquei definitivamente convicta de que a velha senhora não regulava bem, que devíamos levar em consideração, doravante, o singular funcionamento do seu espírito.

Muitas coisas reforçaram esta convicção, em particular, essa informação, que me chegou de um empregado do gás, considerado no bairro um artista de génio, e que dedicava o tempo livre a fazer uns biscates, segundo a qual, desde que ele ali vivia, há uma eternidade, nunca ninguém se aproximara do apartamento de Emerence, porque jamais recebia convidados e levava a mal que a chamassem do exterior, sem se fazerem anunciar. Fechava o gato lá dentro, que não deixava passear, com o animal sempre a miar, mas era impossível ver o que se passava lá dentro, porque todas as janelas eram fechadas por portadas, que nunca se abriam. Além do gato, quem pudera dizer o que guardava lá dentro, embora — se, na realidade, possui objectos de valor — a maneira acertada não fosse fechar-se, pois, assim, qualquer um vai pensar que esconde coisas interessantes e, um dia, ainda vêm assaltá-la. Não saía da zona, no máximo, acompanhava o enterro de algum conhecido, até à última morada, mas apressava-se a voltar para casa, como se vivesse num perigo

permanente. Não tínhamos nada que nos ofender, se não podíamos franquear a sua entrada: a própria família, o filho do irmão Józsi e o tenente-coronel, recebia-os, fizesse calor ou frio, à porta, há muito que lhes dera a entender que também eles não podiam entrar, com o que sofrem, mas habituaram-se.

Estas palavras deixaram-me entrever um quadro suficientemente terrível, e que me deixou ainda mais inquieta. Como é possível viver num isolamento destes? E porque não deixa sair o animal, se é que o tem, quando o prédio é rodeado por um pedaço de jardim fechado? Na realidade, sempre a imaginei louca, até que uma das suas mais constantes admiradoras, Adélka, viúva do preparador de farmácia, me esclareceu, ao longo de uma comunicação exaustiva, de efeitos épicos: o primeiro gato de Emerence era um grande caçador, dizimara o efectivo de um inquilino columbófilo que se mudara durante a guerra, o qual encontrara a solução radical, porque, quando Emerence lhe explicou que o gato não era professor universitário, a ponto de se poder triunfar sobre ele por palavras, e que, infelizmente, era de sua natureza caçar, mesmo que se alimentasse bem, ele, sem lhe pedir que encerrasse o animal, apanhou o valoroso caçador e enforcou-o na maçaneta da porta de Emerence. Voltando a casa, a velha senhora estacou diante do cadáver já rígido, enquanto ele acrescentava, em termos formais: infelizmente, vira-se forçado a proteger, pelo modo que ele mesmo escolhera, o que constituía o seu ganha-pão e único alimento garantido da família.

Emerence não soltou uma palavra, desprende o gato do arame, porque o carrasco não se servira de corda, mas de arame, o cadáver do estupor era terrível, com a sua garganta escancarada, e a velha senhora sepultou-o no jardim, no túmulo do senhor Szloka, que ainda não fora inumado, o que, aliás, a faria sofrer, porque o assassino de gatos denunciou-a à polícia, caso que, felizmente, foi arquivado. Desta medida expedita não tirou quaisquer benefícios o columbófilo, nem pôde aborrecer-se mais com Emerence, para quem ele se tornara transparente, e, se havia alguma coisa oficial a parlamentar com ele, comunicava-lha pelo biscateiro, e, como se uma obscura solidariedade se

virasse contra o dito, os pombos começaram a morrer uns atrás dos outros. Então, aí voltou de novo a polícia: o tenente-coronel, que vinha vê-la, ao tempo, só ainda era alferes. O criador de pombos fizera queixa de Emerence, acusada de envenená-los, mas, como se não encontrasse sinal de veneno no estômago dos pombos, o veterinário distrital concluiu que tinham sucumbido a um vírus desconhecido, de que outros pombos haviam morrido, pelo que era inútil inquietar a vizinha e as autoridades com essa história.

Uniu-se, então, o prédio contra o assassino de gatos, e o casal mais respeitado, os Brodarics, fez queixa à assembleia de freguesia contra os intérminos arrulhos que lhes estragavam as manhãs logo bem cedo; o biscateiro declarou que os pombos lhe sujavam a varanda; a senhora engenheira queixou-se de alergias. A assembleia de freguesia não obrigou o columbófilo a abater o efectivo, mas deixou um aviso; o prédio mostrou-se desiludido, porque desejaria que o gato de Emerence fosse vingado com uma verdadeira sanção.

O que sobreveio: o carrasco sofreu repetidas perdas, foi à procura de novas aves, que sucumbiam de forma tão misteriosa como as antigas. Tentou, uma vez mais, apresentar queixa, mas o alferes nem se deu ao incómodo de fazer uma autópsia, além de o censurar duramente por sobrecarregar a polícia com essas velhacarias, pelo que aprendeu a lição, lançando imprecações, à entrada, contra Emerence, cujo novo gato executou, embora não fosse possível prová-lo, e mudou-se para a periferia. Tendo partido definitivamente, fez sofrer as autoridades com queixas sobre queixas contra a porteira. Emerence suportou estas impertinências com uma tal serenidade, uma tal sabedoria e humor que a assembleia de freguesia e a polícia passaram a gostar dela, e não deram seguimento a nenhuma queixa, já acostumados a que a velha senhora atrásse denúncias anónimas, como um pára-raios o relâmpago. A polícia abriu para Emerence um dossiê particular, onde foram classificados os diversos documentos, mas, quando chegava uma das famosas cartas, logo era rejeitada, num gesto de desdém, e não havia polícia, mesmo novato, que não reconhecesse o vocabulário e o estilo barroco do columbófilo.

De vez em quando, um polícia vinha até casa dela, para um café e tagarelar com Emerence, o alferes entretanto promovido a tenente-coronel habituou-se a apresentar-lhe os novos, Emerence preparava-lhes chouriço, crepes, aguardente, à vontade de cada um, os polícias da província matavam aí saudades das aldeias que tinham deixado, da avó, da família distante, nem sequer a incomodaram com revelar-lhe que também era acusada de ter matado e espoliado judeus durante a guerra, de ter sido uma espia americana, de ter destruído um emissor clandestino, de ser uma receptadora e esconder tesouros em casa. Na verdade, eu fiquei realmente sossegada com a narrativa de Adélka, sobretudo quando tive de ir à polícia por ter perdido o bilhete de identidade. Ia o tenente-coronel a atravessar a sala no momento em que eu prestava declarações, sobressaltou-se ao ouvir o meu nome, mandou-me sentar no seu gabinete, enquanto me faziam novos papéis. Eu estava convencida de que ele conhecia as minhas obras e que a isso se devia esta atenção particular, mas enganava-me. Ele não estava para outra coisa senão perguntar o que fazia Emerence, ouvira que trabalhava em nossa casa e mostrava interesse em saber se a filha do sobrinho, filho do irmão Józsi, já saíra do hospital. Eu nem sabia que tinha aquela filha. Julgo que, no princípio, eu tinha medo de Emerence.

Ocupou-se de nós durante mais de vinte anos, mas, nos cinco primeiros anos, teria sido possível medir com alguns instrumentos a margem de segurança que ela permitia ao deixar aproximar-nos dela. Eu sou sociável, gosto de falar com desconhecidos; Emerence só respondia o estritamente necessário, apressava-se para o trabalho, feito cuidadosamente, porque no seu programa havia sempre um número incontável de coisas a cumprir. Vivía as vinte e quatro horas do dia, e, embora não quisesse ninguém entre as suas quatro paredes, todas as notícias passavam por ela, o patamar do seu apartamento era como uma sala de telex, onde todos anunciavam o que sabiam, mortes, escândalos, notícias agradáveis, catástrofes. Tinha prazer em ocupar-se dos doentes: encontrava-a quase todos os dias na rua

levando um prato coberto, recipiente que eu conhecia pela forma, e aos que precisavam de comer algo de substancial, segundo corria na rua, oferecia generosas quantidades. Emerence sabia sempre onde precisavam dela, espalhava um brilho tal que as pessoas lhe faziam confidências, sem esperança alguma de receberem a sua confiança, pois sabiam que, em troca, só teriam lugares-comuns ou factos de todos conhecidos. A política não lhe interessava, a arte ainda menos, nada entendia de desporto; chegava-lhe, na rua, a história de alguma infidelidade, mas não ajuizava; do que mais gostava era de prever o tempo, porque a preparação de uma eventual excursão ao cemitério dependia de se anunciar, ou não, uma tempestade, que, como eu já disse, a deixava aterrada. Aliás, este determinava não somente o que poderíamos considerar a sua vida social, mas também o horário Outono-Inverno de Emerence, quando irrompiam verdadeiras tormentas e as condensações atmosféricas tiranizavam o seu tempo. Era ela quem varria a neve da frente de quase todos os prédios do bairro, já nem tinha tempo de ouvir rádio, só à noite ou de madrugada. Quando na rua, as estrelas indicavam-lhe o tempo que faria no dia seguinte, conhecia-as pelos nomes que os seus antepassados lhes haviam dado, a intensidade ou palor do seu brilho revelavam-lhe as mudanças do tempo, antes ainda do anúncio do boletim meteorológico. Uma das suas tarefas era varrer a neve da frente de onze prédios: quando ventava, agasalhava-se a ponto de ser irreconhecível, preocupava-se tanto com o seu corpo que se tornava uma gigantesca boneca de trapos, e, em vez dos sapatos brilhantes escovados, trazia botas de borracha; nos invernos terríveis, iríamos imaginar que talvez Emerence nunca estivesse em casa, mas só na rua, e que nem se deitasse, como os outros mortais. E, de facto, assim era: Emerence nunca se deitava, mudava simplesmente de roupa, depois de se lavar; a cama não fazia parte do seu mobiliário, dormitava num canapé minúsculo, desses em voga, antigamente chamados *causeuses*. Dizia que, mal se deitava, uma espécie de fraqueza se apoderava dela, e só se sentia bem na posição de sentada, por causa das costas, que lhe doíam: se se deitasse, tinha vertigens; não precisava da cama.

Nas grandes nevadas, claro está, nem no canapé podia descansar, porque, ao acabar a quarta casa, já se formara novamente neve no passeio da primeira, e Emerence corria da primeira para a quarta nas suas grandes botas, com uma vassoura de bétula ainda maior do que ela. Habituarámo-nos a não a ver em nossa casa, nesses dias brancos, eu não lhe dizia nada, e para quê, Emerence possuía argumentos preparados e invencíveis: tínhamos um telhado por cima, a sua limpeza costumava ser bem-feita, esperássemos que ela tivesse tempo, havia de recuperar, além de que não me fazia mal curvar-me um pouco. Logo que a neve se humanizava, Emerence reaparecia, deixava a casa admiravelmente arrumada e, sem uma explicação, largava na mesa da cozinha um pedaço de assado ou um prato de bolos de mel, devendo eu compreender que estes alimentos significavam o mesmo que os pedaços de frango do tempo da sua primeira e inexplicável grosseria: foram bons, dizia o prato, como se ainda andássemos na escola e, em casa, ninguém fizesse dieta, os meninos pacientes, e bons, serão recompensados.

Como tanta vida encontrava lugar numa única existência, não sei, mas Emerence quase nunca se sentava, quando não tinha uma vassoura na mão, era seguro que se dirigia a algum lado com o seu prato protector, ou que procurava o dono de algum animal perdido, se não o encontrava, tentava colocar o filho perdido em casa de alguém, muitas vezes com êxito, e, se não, cão ou gato desapareciam subitamente das redondezas, como se nunca tivessem passado fome no meio da imundície. Trabalhava muito, em diversos lugares, ganhava muito, gorjetas, pelo contrário, nunca aceitava, fosse sob que forma fosse, o que até compreendo, mas nunca pude entender por que motivo ela recusava presentes. A velha senhora só gostava de dar; se lhe quiséssemos fazer uma surpresa, não sorria, mas encolerizava-se. Em vão tentei, durante anos e anos, na esperança de que, finalmente, aceitasse o que eu lhe oferecia, mas declarava-me, com rudeza, que o que fazia não era a pensar em gratificação extraordinária, e eu pegava de novo no envelope, muito magoada, o meu marido ria-se de mim, e dizia para não cortejar Emerence, que não me esforçasse por alterar uma

situação já determinada, essa sombra esquiva que, a horas impossíveis, naturalmente, e sem obedecer a regras, se ocupava de nós, e nem aceitava, sequer, uma chávena de café, sombra que lhe convinha às mil maravilhas. Emerence era um apoio ideal, e, se eu julgava o seu trabalho insuficiente, se queria estar de acordo com toda a gente, o problema era meu. Não foi fácil reconhecer que Emerence, como outros nessa época, se afastava de nós — não nos desejava entre os seus próximos.

Os irmãos de Cristo

Na verdade, mantive-nos à distância durante anos, até que o meu marido ficou doente, mortalmente doente. Como a velha senhora nunca se mostrara visivelmente interessada no que nos acontecia, eu estava convencida de que a sua emoção não iria além de um foliar, se eu lhe revelasse a pouco interessante verdade; não lhe falei, pois, de nada, pelo que levei o meu doente para ser operado a um tumor pulmonar, sem que, no prédio ou no bairro, e nem sequer ela, soubesse para onde íamos. Ela não fazia a mais pequena ideia do que se passava, também os exames pré-operatórios decorreram sem que ela estivesse ao corrente, e, quando voltei para casa, Emerence, sentada na cadeira de braços, limpava, no avental, um pequeno monte de colherzinhas de prata. A operação durara quase seis horas, a luz acesa por cima da porta da sala parecia avisar-me de que quem ali estava a ser operado talvez nunca mais se levantasse, pelo que é de imaginar, sem grandes explicações, o estado em que eu me encontrava, ao regressar. Pela primeira vez, Emerence ficara fora de um acontecimento importante da minha vida, e limitei-me a fazer-lhe o ponto da situação, sem entrar em pormenores. A velha senhora olhou-me: eu excluía-a do medo que me inspirava esta operação com desenlace talvez fatal, como se fosse uma estranha. Foi o que disse, não em tom magoado, mas com indignação; respondi-lhe que, como verificasse que ela nada se interessara pela nossa vida até então, ser-me-ia difícil saber que ela pudesse ser tocada pelo que nos acontecia, aliás, se não lhe fazia diferença, que me deixasse só, hoje gostaria de me deitar cedo, o dia não fora

fácil e ainda não acabara. Emerence saiu logo, pensei que talvez definitivamente, eu magoara-a, mas, passada meia hora, fui brutalmente arrancada de um sono fácil e agitado, ao ouvi-la andar de novo pela casa, e ela apareceu com um cálice fumegante.

Era um verdadeiro objecto de arte que ela trazia numa bandeja, um espesso cálice de vidro azul em que havia duas mãos gravadas numa guirlanda oval, o pulso da mulher ornado com uma bracelete, o homem com um punho de renda, rodeando ambas uma placa dourada, onde se lia, em letras de esmalte azul: *TOUJOURS*. Peguei no cálice, pu-lo à luz, continha um líquido escuro e vaporoso que cheirava a cravo-da-índia.

— Toca a beber! — disse Emerence. Não queria beber, não queria mais nada, senão sossego. — Toca a beber — disse novamente, como se estivesse a falar com uma criança atrasada, com dificuldade em compreender; depois, vendo que abandonava o cálice e nem abria a boca, pegou nele e verteu algumas gotas de vinho a ferver no decote da camisa de noite, o que me fez gritar. Afastou a minha mão, colou-me o cálice aos dentes e, se não queria apanhar um banho, que engolisse. Esta foi a melhor bebida do mundo, mesmo ardendo terrivelmente: ao fim de cinco minutos, eu parara de tremer. Pela primeira vez na sua vida, Emerence instalou-se ao meu lado no canapé, tirou-me o copo vazio das mãos e ali ficou, à espera que eu falasse e lhe contasse aquelas seis horas que ela não conhecia, e o que viria a seguir. Mas eu não podia falar, era incapaz de dizer o que se passara, ou partilhar o horror que precedera; também esse trago que engolira fazia o seu efeito, só sei que adormeci, porque acordei subitamente, o candeeiro estava aceso, como quando entrei em casa, mas o relógio marcava duas horas da manhã. Deve ter aberto a cama, porque eu estava deitada no canapé debaixo de um cobertor leve, que só podia ter tirado da cama. Na sua voz habitual, sem qualquer tipo de emoção, disse que era inútil passar a noite entregue a maus pensamentos, que me distendesse, porque não havia perigo, ela costumava sentir a morte, além de que nenhum gato miara no bairro, nenhum copo se quebrara em casa dela, nem ali, na cozinha, claro, tinha

todo o direito de não acreditar nela, se queria dirigir-me ao Céu, ia buscar-me a Bíblia, não era obrigada a conversar.

Agora, eu não me lembrava já do vinho quente, ou que, afinal, tivesse ficado ali, ao meu lado, só pressentia o sarcasmo: algo me picava de novo. Não bastava tomar por desvios quando ia à igreja aos domingos, para não ter de lhe dar explicações? Como explicar-lhe, se ela não queria entender, o que significava para mim a eucaristia, rodeada pela presença invisível dos que, ao longo dos séculos, rezaram as mesmas orações que eu, único momento em que estava certa de encontrar os parentes desaparecidos durante os sessenta minutos que durava a celebração? Emerence não compreende nada, não aceita nada; como um chefe de tribo primitiva, ela brande um vestido de noite coberto de lantejoulas à maneira de estandarte diante do cordeiro bordado na bandeira da fé.

A velha senhora opunha-se à Igreja com uma paixão quase do século XVI, e não só aos padres, mas também a Deus e a todas as personagens bíblicas, excepto a São José, que, pelo seu ofício, ela considerava muito — o pai de Emerence fora carpinteiro. Quando fui ver a casa onde ela nascera, brilhando de dignidade atrás do muro, e o telhado de duas águas encimando sólidas colunas, que parecia ser, ao mesmo tempo, uma casa camponesa da época barroca e um longínquo pagode oriental, julguei sentir a presença desse antigo Szeredás József, inclinado sobre o projecto que desenhava no papel. À volta da casa, as árvores-vacas, como Emerence designava os poderosos plátanos da sua infância, estendiam as ramadas imensas, e o jardim perfumava-se; quando fui lá, ainda era a mais bela casa de Nádori e tornara-se a carpintaria da cooperativa. O voltairianismo de Emerence, aliás, não era lógico, e, por muito tempo, nem percebi a sua razão de ser, só me incomodava, até que, uma vez, acertámos todos os pormenores — com a ajuda de Sutu, vendedora de legumes, outra das suas fiéis — e toda a história se revelou.

A sua zanga com a Igreja não foi, nem o último acontecimento da guerra, nem o primeiro da paz, após o assalto de que

ela escapara, nem o resultado de uma filosofia alicerçada entre os destroços de um mundo em ruínas, mas uma vingança fruste, primitiva, por causa de uma encomenda chegada da Suécia. Um dia, a paróquia de Emerence recebeu ajuda humanitária enviada por uma igreja escandinava; até então, nunca Emerence revelara a ninguém qual a sua religião, não se via na igreja, pois estava sempre a trabalhar, sobretudo no princípio, quando passava o tempo a lavar roupa, e, na maioria dos casos, ao domingo. Enquanto os outros estavam na igreja, ela acendia a braseira e começava a lavar com sabão. Chegara-lhe, naturalmente, a notícia de que longínquos irmãos na fé tinham enviado presentes à paróquia, a sua amiga Polett correra a dar-lhe a novidade, e quando, no salão paroquial, se começou a distribuição, Emerence, que nunca se mostrava na igreja, desagou no seu vestido preto festivo e esperou que a chamassem. Todos a conheciam no bairro, mas ninguém se lembrara dela: as senhoras encarregadas da distribuição, que serviam de intérpretes aos elementos da missão sueca, olhavam, embaraçadas, esta silhueta alta que esperava, rosto impassível. Perceberam logo que, embora não fosse à igreja, ela era um membro da comunidade, mas tinham já distribuído toda a roupa de lã ou tecidos e só restavam, no fundo dos cestos, vestidos de noite, de que uma caridosa sueca se desfizera, entre outras coisas inúteis, sem se preocupar com o que ali precisavam. Não quiseram que partisse de mãos a abanar, como foi o caso; julgavam que ela poderia vender essa doação a um teatro, a uma casa de cultura, ou, eventualmente, trocá-la por comida — não havia nisso nenhuma intenção irónica, ao contrário do que Emerence sentiu, atirando com o vestido de noite aos pés da presidente da comissão, pelo que, a partir desse momento, não foi o trabalho, mas a sua própria convicção, que a impediu de ir à igreja, ainda que, excepcionalmente, tivesse algum tempo livre. As senhoras benfeitoras, Deus e a Igreja fizeram um só no seu espírito e não perdia nenhuma ocasião para verter veneno sobre a casta dos crentes, e nem me poupando, como aos outros, quando, pontualmente, meia hora antes de começar a missa me via partir com o meu livro de orações.

A primeira vez que isso aconteceu, eu ainda não conhecia a história do seu vestido de noite, foi na maior inocência que lhe perguntei se queria vir comigo. Esclareceu-me que não era dessas senhoras pintalgadas de verde e azul que nada têm de mais urgente do que ir mostrar-se à igreja, e que ela não ia, mesmo que não tivesse de varrer ali em frente da porta: olhei-a, estupefacta, porque, desde o início, me parecia evidente que Emerence tinha uma parente na Sagrada Escritura, Marta, cuja vida fora ininterrupto serviço e ajuda aos outros, e, por conseguinte, como era possível zangar-se tanto com os do Alto? Quando soube a razão, a história do vestido de noite, chocou-me a sua atitude, e pedi-lhe explicações, mas ela riu-se na minha cara, o que só piorava as coisas, pois nem as lágrimas, nem o riso sereno pertenciam ao mundo de Emerence.

Disse-me que não precisava de padre, nem de igreja, não pagava a bula, a guerra mostrara-lhe do que o Senhor era capaz, ela não estava contra o carpinteiro, nem contra o filho, esses eram operários, mas os políticos tinham enganado tão bem o pobre rapaz com as suas mentiras que eles se viram obrigados a comprometê-lo num negócio sujo para, assim, o poderem condenar à morte, quando começou a tornar-se incómodo para os dirigentes. Quem mais lamentava era a mãe, nunca deve ter conhecido momentos agradáveis, e, todavia, por mais estranho que parecesse, foi, sem dúvida, na noite de Sexta-Feira da Paixão que a pobre pudera, enfim, dormir tranquila, porque, antes, temia constantemente pelo filho. Eu julgava sonhar, ao ouvir Emerence apresentar Cristo como vítima de maquinações políticas, herói infeliz num processo armadilhado, que sai, enfim, da existência da Virgem Maria, torturada de inquietação pelo filho. Emerence, sentindo que me fizera mal, rejubilou e seguiu-me com um olhar de desdém, enquanto, erguendo a cabeça, me encaminhei para a igreja. Então, ocorreu-me que esta criatura singular, que considerava nunca fazer política, tinha, contudo, pelas vias imperceptíveis da vida diária, assimilado alguma coisa do que se passara connosco após a guerra e que seria preciso encontrar-lhe um padre que de novo acordasse em Emerence quanto aí existira outrora, mas lembrei-me que, assim,

iria insultá-lo. Emerence é cristã, mas nenhum pastor de almas poderia convencê-la, já não existe o vestido de noite recamado, mas as lantejoulas incrustaram-se na sua consciência.

Nessa noite, claro, ela só queria contrariar-me e, curiosamente, até sosseguei: pensava que, se ela pressentisse algo de grave, não se encarniçaria contra mim, mas, santo Deus, implicava comigo, ria-se de mim. Quis levantar-me, não permitiu; disse que, se eu me portasse bem, contava uma história, só que não me torcesse, nem fechasse os olhos. Enfiei-me no cobertor, Emerence ficou de pé, encostada ao fogão de aquecimento. Eu sabia pouco dela, ou só tinha uma imagem imprecisa, feita de fios soltos reunidos ao longo dos anos, quase nada. Nesta noite irreal, enquanto vida e morte se davam as mãos na aurora invernal, para dissipar meus terríveis pensamentos, Emerence apresentou-se.

— «Sois os irmãos de Cristo», costumava dizer a minha mãe, porque o meu pai era carpinteiro, carpinteiro e marceneiro, e o seu irmão mais novo, meu padrinho, que morreu logo que me baptizei, era pedreiro, tinha muita habilidade de mãos, como todos os Szeredás. O nosso pai também era muito instruído, e um belo homem, a mãe era uma verdadeira fada. Os seus cabelos de ouro desciam até ao chão, podia pisar neles, o meu avô orgulhava-se muito dela, não a deu a um camponês, nem foi fácil dá-la a um artesão, meteu-a na escola, e fez prometer ao meu pai que não a obrigaria a trabalhar. Pois não trabalhou. Enquanto o meu pai viveu, a minha mãe lia, mas não por muito tempo, pois o pobre morreu quando eu só tinha três anos, é estranho que o avô o odiasse por ter morrido, como se quisesse desaparecer para se vingar dele, e, como veio a guerra, as coisas tornaram-se ainda mais difíceis. Não creio que a minha mãe tivesse amado, no início, o primeiro caixeiro, mas, como não podia dirigir a oficina sozinha, preferiu casar com ele, o meu padrasto não gostava de livros, mas isso ainda não era o pior, é que todos partiam soldados, e o infeliz temia que chegasse a sua vez; entretanto, a sua vida tomava forma ao lado da nossa

mãe, porque nós também aguentávamos, não era mau homem, embora me tirasse da escola, com grande pena do reitor, mas era preciso que eu desse de comer aos meeiros na ceifa, porque a mãe não conseguia, e ocupava-me também dos gêmeos; o meu padrasto nunca lhes bateu, mas não me espanto, porque se você já viu dois meninos de contos de fadas, eram eles, ambos se pareciam com a minha mãe; o meu irmão Józsi, cujo filho conhece, que vem ver-me de vez em quando, ele não se parecia com ninguém, eu também não o via muito, porque, desde que o nosso pai se foi, o pai da nossa mãe, o nosso avô Divék, chamou-o lá para sua casa, passava mais tempo em Csabadul do que connosco, em Nádori, a família da minha mãe ainda hoje vive lá. O senhor reitor gritou quando me tiraram da escola, porque era uma pena, um desperdício, o meu padrasto explicou-lhe que grande velhaco era quem metia o nariz nos assuntos das outras famílias, que me deixasse tranquila, porque lhe partia a cara, tomara a seu cargo uma viúva com quatro crianças, e, como se arriscava a ser mobilizado a qualquer instante, a sua mulher não aguentava sozinha com o trabalho, ou imaginava que tinha algum prazer em obrigar-me a trabalhar, mas como fazer, se nem havia homens na oficina, nem nos campos, era preciso continuar a produzir, a forragem não cresce sozinha, em resumo, deu troco ao reitor, como bem quis, e pôs-me a trabalhar. Ele não era mau, não pense isso, mas estava com medo, você já fez a experiência do que um homem é capaz quando tem medo. Não estou zangado com ele, embora me batesse muitas vezes, porque, no início, eu era desajeitada, também tínhamos a nossa terra, de que, até então, não tinha que me ocupar, eu só ia para brincar, não trabalhava, o meu padrasto tremia e dizia palavrões, porque as folhas da estrada voavam, como pássaros. Uma noite, a minha mãe, quando já caíra o silêncio, eu tinha deitado os gêmeos, o meu irmão Józsi não estava em casa, mas com o avô, disse-lhe para não estar sempre a falar do que lhe metia medo, porque isso acabaria por lhe acontecer, e ele, gaguejando de terror, explicou-lhe que tinha um mau pressentimento, sonhara que, se o convocassem, nunca mais nos havia de ver. Pois não viu, foi o primeiro de Nádori a ser

mobilizado, e a morrer. A minha mãe não sabia o que fazer da oficina, também requisitaram a madeira, já não havia estaleiros, nem homens, mas, no princípio, ainda acreditou que íamos conseguir, sem homens. Era filha de agricultores, pensava conhecer a terra, vingar sozinha. Havia de ver como se mexia, eu não era uma criança estúpida, ajudava no que podia, mas isso não nos levava a lado nenhum, aos nove anos, eu cozinhava para todos e cuidava dos gémeos. Quando chegou a notícia da morte do padrasto, concluí que a minha mãe já o amava, chorou os dois, o meu pai e o meu padrasto, só que o padrasto não tinha sepultura, e a minha mãe começou a não suportar a vida, não julgue que só as pessoas do seu género têm estados de alma. Era fraca, impotente, jovem, um dia, em que os pequenos se portavam mal, e eu mais os excitava, pois ainda era uma criança, quando me bateu, porque passava o tempo a brincar, em vez de fazer o que me pedia, pensei, vou fugir, vou ter com o meu irmão Józsi a Csabadul, o avô trata-o bem e, embora lhe dê trabalho, é pouco. Queria também levar os gémeos, depois, a mãe que faça o que entender, nós vamos embora, vamos a pé, eu sei para que lado é Csabadul, a aldeia vizinha. Pois, numa bela manhã, lá partimos os três, eu levava as duas criancinhas loiras pela mão, mas só chegámos à eira, porque quiseram logo sentar-se, comer, a seguir ainda pediram água, fui, pois, ao bebedouro com o cantil de lata, que estava sempre comigo, trazia-o com um fio à volta do pescoço, eu sabia que as crianças pedem logo água, eu nunca estava em casa sem este cantil, e mais se tenho um longo caminho. O bebedouro era perto, ou era longe, sabe lá uma criança o que é longe, o que é perto. Acabava, precisamente, de chegar, quando a tempestade rebentou, eu nunca tinha visto uma tempestade a estalar assim súbita, como nunca se vira por essas bandas o céu bramindo assim, nem tal furacão zinzir no campo. O céu mudou todo num minuto, fez-se, não preto, como habitualmente, mas roxo, dir-se-ia que tinham iluminado entre as nuvens, roncava, ribombava o céu, que quase me arrancava as orelhas, mas logo deitei fora o cantil, e voltei para trás, em correria, ora, ao procurar os meus loirinhos, não os vi, mas a árvore que um raio rachara por cima deles. Havia

fumo por todo o lado, quando me debrucei sobre eles, e só então vi que estavam mortos, mas eu não tinha ideia que eram eles que eu via, porque não se pareciam com nada de humano. Já a tempestade estalava, o aguaceiro colava-se a mim como suor, e ali estava eu, diante da minha irmãzinha e do meu irmãozinho, eu via duas achas escurecidas, se isso podia assemelhar-se a qualquer coisa, pareciam, antes, achas calcinadas, em ponto pequeno e mais torcidas, eu estava ali, interdita, olhando, como uma estúpida, para todos os lados, para ver onde tinham desaparecido os meus loirinhos, pois aquelas coisas não podiam ser os meus irmãos. Admira-se, se a minha mãe saltou para o bebedouro? Só já lhe faltava este espectáculo, comigo a gritar, histerica, com gritos que se ouviam, quando a tempestade parou, até à estrada nacional e até casa. A minha mãe, descalça, em combinação, saiu a correr, precipitou-se para mim, bateu-me repetidamente, não sabia, contudo, que eu queria fugir das suas lágrimas e do seu mau humor, das suas preocupações, dos seus queixumes, ela não sabia o que estava a fazer, no seu desespero, queria reduzir-me a papa, demolir o que encontrasse, depois, quando percebeu porque chamava eu, e viu as crianças, o seu rosto inflamou-se e, como uma flecha, partiu, em ziguezague sob a chuva, cabelos desgrenhados flutuando atrás dela, e corria arrancando gritos agudos, como uma ave. Eu via-a deitar-se ao poço, mas não conseguia mexer-me, permanecia ali, junto da árvore e dos cadáveres, já não trovejava, nem relampejava, se eu corresse a pedir ajuda, ainda poderiam salvá-la, a nossa casa ficava perto da estrada, a eira era mesmo por detrás do jardim, mas eu fiquei ali, como enfeitiçada, e não me ocorria qualquer ideia, o cérebro embotado, a testa ensopada. Ninguém amou tanto, como eu amei, aqueles dois pequenos, só olhava aquelas achas, eu não conseguia acreditar que tinha alguma coisa a ver com aquilo, eu não gritei por socorro, fiquei pasmada e perguntando-me o que podia fazer a minha mãe aquele tempo todo no fundo do poço. Que fez, que fez, a pobre fugira de mim, para longe do espectáculo e do seu destino, estava cansada de tudo, acontece que uma pessoa quer, bruscamente, acabar de vez com tudo. Por algum tempo, olhei isto, olhei aquilo, depois, em passo

lento, meti-me ao caminho, a casa estava vazia, para quê ir lá, fui pôr-me à beira da estrada e pedi ao primeiro que passou para ir falar à minha mãe, porque tinha caído ao bebedouro, e os meus irmãos loiros tinham desaparecido debaixo da árvore e havia qualquer coisa negra no seu lugar. O vizinho correu, que até ali vinha em passo vagaroso, por fim, ele ocupou-se de tudo, entregou-me ao senhor reitor, enquanto foi ao meu avô, que me viesse buscar, mas ele não quis ficar comigo, só com o meu irmão Józsi, quando vieram uns senhores de Budapeste contratar jovens criadas, ele depressa fechou o negócio, e levaram-me logo depois do enterro. Do enterro, eu não compreendi nada e, contudo, podia ainda ver os meus, os dois caixões estavam abertos, os gémeos num, a minha mãe no outro, a minha mãe era uma visão tão incompreensível como os loiros, cujo cabelo se tinha fundido, não tinham nada na cabeça, na verdade, já nem tinham cabeça, e eram tão diferentes do que é uma criança que eu nem conseguia chorar, chorá-los, era demasiado para mim. Sabe para que é que eu economizo? Para um mausoléu. Será grande como o mundo, e tão belo como nenhum existe, com vitrais de várias cores e estantes no interior, uma estante para cada caixão, pai, mãe, gémeos, eu, se o filho do meu irmão Józsi não mudar, os dois últimos lugares serão para ele. Comecei a pôr de lado antes da guerra, mas, depois, o dinheiro serviu para outra coisa, pediram-no para uma boa causa, dei-o, não lamento. Voltei a economizar. Então, roubaram-me, mas continuei, ainda tenho uma pensão, que uma pessoa me envia do estrangeiro, mas também em toda a vida nunca estive um dia sem trabalho. Tenho para um mausoléu, quando vou a um funeral, vejo sempre se há algum como o que eu quero construir, mas nem um, o meu não há-de ser como o de um qualquer. Ver-se-ão os belos raios de luz que os vitrais coloridos desenham sobre os caixões, ao nascer e ao pôr-do-sol, o meu herdeiro pode construir uma capela tal, que toda a gente há-de parar diante dela. Acredita?

«Não redigi este livro para Deus, que conhece as minhas entranhas nem para as sombras, testemunhas que são de tudo, e me vigiam a cada instante, nas horas acordadas e dormindo, mas para os homens. Vivi, até hoje, corajosamente e assim espero morrer, corajosamente e sem mentir, mas, por isso mesmo, na condição de dizer: eu matei Emerence. E pouco muda que eu não quisesse destruí-la, mas salvá-la.»

«Um romance que altera o modo de entendermos a nossa própria vida. Uma obra de grande honestidade e delicadeza que expõe a complexa inadequação da comunicação humana, ao mesmo tempo que evoca a agonia da história recente da Hungria.»

The New York Times

«Uma obra de arte. Um dos triunfos alcançados por Szabó foi ter escrito uma obra profundamente política, enraizada na vida doméstica»

London Review of Books

«Um texto brilhante, soberbo e desconcertante.»

Le Figaro

«Uma confissão inesquecível.»

Lire



cavalo de ferro